

## A AMÉRICA LATINA NO UNIVERSO DAS EDIÇÕES BRASILEIRAS

*Gabriela Pellegrino Soares<sup>1</sup>*  
*Júlio Pimentel Pinto<sup>2</sup>*

---

**Resumo.** Este artigo enfoca o repertório de livros dedicados a questões históricas e culturais latino-americanas que se editaram no Brasil nas últimas décadas, procurando identificar concepções, ênfases e lacunas que o envolvem. Não oferece um levantamento exaustivo dos títulos publicados, mas lança luz sobre os contornos mais gerais da produção nacional, que vem crescendo, entre outros motivos, graças ao maior número de pesquisas desenvolvidas nessa área junto às universidades brasileiras..

**Palavras-chave:** história; América Latina; edições; Brasil.

## LATIN AMERICA WITHIN THE CONTEXT OF BRAZILIAN PUBLICATIONS

**Abstract.** This article sheds light on publications of the history of Latin American History and related areas, which have been edited in Brazil during the last decades. Concepts, stresses and gaps in the general outline of these editions have been identified. The latter has increased owing to the achievements of Brazilian scholars in this field..

**Key words:** History; Latin America; publications; Brazil.

---

“Os intelectuais latino-americanos nem se conhecem nem se lêem”, ponderou em 1932 Alfonso Reyes, então embaixador do México no Brasil, ao discursar para um grupo de estudantes no teatro João

---

1 Professora no Departamento de História da Universidade de São Paulo e foi orientanda, no mestrado e no doutorado, de Maria Lígia Coelho Prado.

Endereço para correspondência: R. Conceição de Monte Alegre 351, ap. 23 A, CEP 04563-060, São Paulo, SP. E-mail: gabriela.pellegrino@terra.com.br

2 Professor no Departamento de História da Universidade de São Paulo e foi orientando, no mestrado e no doutorado, de Maria Lígia Coelho Prado.

Endereço para correspondência: Alameda Campinas 967, ap. 61, CEP 01404-001, São Paulo, SP. E-mail: juliop@uol.com.br

Caetano, no Rio de Janeiro. A constatação fazia ecoar o diagnóstico expresso por diversos outros escritores em princípios dos novecentos, que se empenharam em ampliar os canais de diálogo entre as sociedades vizinhas, fosse por interesse nos mercados alheios, fosse por apego aos ideais da *Nossa América* legados por José Martí e às identidades “arielísticas” professadas por José Enrique Rodó, em 1900. Apesar de suas preocupações e esforços, os veios de intercâmbio intelectual latino-americanos, especialmente entre o Brasil e a Hispanoamérica, permaneceram tênues ao longo do século.

A diferença idiomática acentuou o distanciamento cultivado por práticas culturais e políticas correntes nessas sociedades, mais atentas ao que se passava na Europa e nos Estados Unidos. No Brasil, esse quadro se fez sentir em várias esferas da vida social, disseminando atitudes de alheamento frente a questões centrais do passado e do presente hispano-americano.

Em meio ao quadro cultural e político mais amplo, a área de História da América vem, há muito, buscando abrir caminho no país, nos planos educacional, acadêmico e editorial. Este artigo privilegiará o enfoque sobre este último, embora reconhecendo sua interligação com os dois outros.

No plano editorial, como é sabido, foram antes trilhas descontínuas que propriamente caminhos as que inicialmente se abriram para publicações na área, o que também refletia a escassez de pesquisas feitas no Brasil. Aos interessados em temas latino-americanistas não restavam muitas opções além de recorrer às obras em outros idiomas, especialmente o espanhol, presentes em acervos de bibliotecas ou encomendadas por livrarias especializadas.

Algumas décadas mais tarde, porém, o cenário já não é assim desolado. A ampliação dos programas de Pós-Graduação em História no país e o empenho incansável de certos professores levaram à formação de um considerável número de especialistas na área de América. Gostaríamos de destacar o extraordinário trabalho realizado, nesse sentido, por Maria Lígia Prado, professora titular de História da América Independente da Universidade de São Paulo, a quem a revista *Diálogos* presta uma homenagem.

Considerando-se as dificuldades que outrora cercavam a pesquisa em história latino-americana no país, Maria Lígia Prado – como muitos que ingressaram nas Universidades como professores da área nos anos 1970 e início dos anos 1980 – fez seu mestrado e seu doutorado em História do Brasil. Em contrapartida, dentre os professores de gerações

mais jovens, a maioria pôde enveredar pela área desde cedo em sua formação.

As dissertações e teses produzidas, nesse domínio, em universidades brasileiras, vêm alimentando o mercado editorial em seus segmentos mais acadêmicos. Paralelamente, professores e pesquisadores têm colaborado com coleções paradidáticas, de forma a difundir entre estudantes de Ensino Fundamental e Médio interpretações atualizadas sobre temas da história latino-americana.

Por fim, refletindo a crescente importância da área nos cursos e centros de investigação universitários, o número de traduções para o português de obras ou coleções relativas à História da América aumentou consideravelmente, ampliando o repertório de autores e de referências que amparam o ensino e a pesquisa nesse campo.

Neste artigo, procuramos realizar um sobrevôo sobre a produção editorial brasileira voltada, nas últimas décadas, a questões históricas e culturais latino-americanas e, assim, identificar concepções, ênfases e lacunas que a envolvem. Não pretendemos oferecer um levantamento exaustivo dos títulos em catálogo de todas as editoras que atuaram ou atuam no país, mas lançar luz sobre os contornos mais gerais da produção nacional.

Após uma breve introdução sobre empreendimentos editoriais pioneiros concernentes, por diferentes prismas, à América Latina, o artigo percorre um conjunto de obras mais centradas na abordagem historiográfica, originais ou traduzidas, que se publicaram no Brasil, privilegiando os títulos relativos à época independente.

Vale ressaltar, não obstante, que com igual vigor, caminhos vêm sendo abertos pela produção acadêmica e editorial sobre o período colonial e, mais recentemente, sobre o período pré-hispânico.

Em um segundo momento, o foco do artigo recai sobre publicações voltadas à América Latina em áreas de conhecimento afins com a História. Alguns dos autores hispano-americanos mais conhecidos no país não são historiadores, mas escritores e críticos literários. Suas obras vêm sendo apropriadas por diferentes especialistas que exploram essas sendas, enriquecendo o diálogo acadêmico, fomentando a produção e a circulação de textos americanistas em paragens brasileiras.

\*

Em 1975, foi publicado pela editora Paz e Terra, então sediada no Rio de Janeiro, *História da América Latina*, de autoria do respeitado professor argentino Tulio Halperin Donghi. A obra fora lançada no ano

anterior pela editora italiana Giulio Einaudi e ganhara tradução ao português de Carlos Nelson Coutinho. Por muito tempo, esse trabalho abrangente no tempo e no espaço – pois trata da América Latina em seu conjunto, iniciando com uma avaliação sobre a “herança colonial” que pesava sobre as sociedades em via de conquistar sua emancipação, estendendo o foco pelo período independente, até fins da década de 1960 – constituiu um material de referência quase exclusivo, como perspectiva geral, aos leitores brasileiros.

O volume de informações é extraordinário, pois os capítulos, organizados de maneira cronológica, sugerem os aspectos gerais da condição neocolonial que, na visão do autor, gradualmente se impôs ao subcontinente, e enfocam questões mais específicas do desenvolvimento de cada região e cada país. A análise dos problemas econômicos articula-se com a dos problemas sociais e políticos, deixando obscuras, no entanto, as esferas culturais.

Boa porta de entrada para os processos de construção dos Estados Nacionais latino-americanos, o livro desperta no leitor a vontade de ir além, de perseguir leituras aprofundadas sobre as temáticas que mais o intrigaram. Em 1975, todavia, o mercado editorial brasileiro, na área em questão, era rarefeito.

Dois anos depois, um novo marco. A Paz e Terra editou a tradução de *As veias abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano, uma eloqüente denúncia sobre os quase cinco séculos de história que sangraram o continente. As imagens cunhadas pelo livro difundiram-se em meio a um público não restrito aos meios acadêmicos.

A criação, em 1948, da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), ligada à ONU, repercutira favoravelmente aos estudos latino-americanos no campo da Economia e da Sociologia, não restritos ao trabalho de membros da instituição. Em 1966, Celso Furtado publicava *Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina*, seguida em 1969 por *A economia latino-americana* e, em 1973, *A hegemonia dos Estados Unidos e o subdesenvolvimento da América Latina*.

Em 1970, Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto lançaram *Dependência e desenvolvimento na América Latina*, pela editora Zahar. Cinco anos mais tarde, saía pela Civilização Brasileira a primeira edição de *A formação do Estado Populista na América Latina*, de Octavio Ianni, revista e ampliada na reedição pela Ática, em 1989.

Anos antes, Florestan Fernandes havia iniciado o trabalho de coordenação, junto à mesma editora, da clássica coleção Grandes Cientistas Sociais. A partir de princípios da década de 1980, a América

Latina passou a ser abraçada pela coleção, em volumes dedicados a *Che Guevara*, *Mariátegui*, *Sarmiento*, *Bolívar* e *Fidel Castro*, ao lado de uma série de autores brasileiros. A organização e a apresentação das antologias foram delegadas a especialistas como Eder Sader, Leon Pomer, Emir Sader, Manoel Lelo Bellotto e Anna Maria Martinez Corrêa. Por sua qualidade, os volumes tornaram-se referências obrigatórias nos cursos de História da América.

Nessa época, como a Sociologia, as Ciências Políticas estreitaram o diálogo com autores hispano-americanos, estimuladas pelo desafio comum de refletir sobre as experiências ditatoriais e os processos de redemocratização que se anunciavam. Assim, em 1979, a Paz e Terra publicou a obra organizada por Paulo Sérgio Pinheiro, *O Estado autoritário e os movimentos populares*, um debate com Juan Linz, Guillermo O'Donnell, Eric Hobsbawm e Rudolf de Jong.

No ano seguinte, a editora lançou *Estado, corporativismo e autoritarismo*, do reputado pesquisador da Universidade de Yale, Alfred Stepan. O livro talhava conceitos e propunha tipologias que permitissem uma interpretação comparada de certas ditaduras militares latino-americanas. A perspectiva inseria-se em uma safra de publicações sobre o tema feitas nas décadas de 1970 e 1980, reunindo trabalhos de autores como Francisco Weffort e o argentino Guillermo O'Donnell.

Embora remonte aos anos 1910, com a *Revista do Brasil*, e aos 1920, com as vanguardas literárias, o olhar para a América Latina ganhou espaço também acadêmico e editorial, no âmbito das Letras, nos anos 1970. Projetavam-no o *boom* do “realismo mágico” hispano-americano e o diálogo estabelecido entre críticos literários como, entre outros, Antonio Candido e o uruguaio Ángel Rama.

O projeto de estabelecer parâmetros para uma crítica comparada das expressões literárias latino-americanas, reconhecendo-se as identidades históricas e culturais que as envolviam, gerou na década de 1980, para além dos muitos artigos acadêmicos e atas de colóquios, frutos editoriais no Brasil.

Em 1985, a Brasiliense publicava *A cidade das letras*, de Ángel Rama. De Antonio Candido, um capítulo intitulado “Literatura e subdesenvolvimento” foi incluído na obra *A educação pela noite e outros ensaios*, editada pela Ática em 1987. Ambos os textos abriam caminho para a rica produção livreira que teria lugar, nesse campo, nos anos que se seguiram.

\*

Nessa época, também os leitores inquietos de *História da América Latina*, de Halperin Donghi, viram despontar no horizonte editorial brasileiro novas referências que facilitavam o enveredar pela área em questões históricas.

Em 1983, foi traduzida ao português *A história do capitalismo na América Latina* (Global), de Agustín Cueva, seguida pelo lançamento de *Estado militar na América Latina*, de Alain Rouquié (Alfa-Ômega). Nesse ano, a Martins Fontes publicou o clássico *A conquista da América: a questão do outro*, de Tzvetan Todorov e, sobre o mesmo tema, quase dez anos depois, a Editora da Unesp traduziu *Invenção da América: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir*, de Edmundo O’Gorman.

Ainda na década de 1980, a Editora da UnB fez traduzir o primeiro dos quatro volumes de *América Latina: história de meio século*, organizados por Pablo González Casanova e originalmente publicados pela Siglo XXI. A obra reunia artigos específicos sobre a história política e econômica de cada país latino-americano, entre 1925 e 1975. Integrava a coleção Pensamento latino-americano e caribenho, coordenada por Geralda Dias Aparecida, Ruy Mauro Marini e Vitor de Paes Leonardi, recém-inaugurada com um texto relativo à esfera das relações internacionais.

Nos anos seguintes, especialmente por meio da Editora da UnB, essa área produziria importantes trabalhos envolvendo a América Latina, dentre os quais *História do Cone Sul*, organizado por Amado Luís Cervo e Mario Rapoport (EdUnB e Revan), *Estado nacional e política internacional na América Latina: o continente nas relações Argentina-Brasil (1930-1992)* e *Expansionismo brasileiro e a formação dos Estados na Bacia do Prata*, de Luiz Alberto Moniz Bandeira, e *História da política exterior do Brasil*, de Amado Luiz Cervo e Clodoaldo Bueno.

Em outras zonas de intersecção com a História, é possível acompanhar encadeamentos editoriais na abertura de novos flancos. Em 1988, saiu no Brasil, de Roberto Fernandez Retamar, *Caliban e outros ensaios* (Busca Vida), uma alusão metafórica à personagem criada por William Shakespeare em *A tempestade. Caliban*. A obra retomava o debate sobre identidades e relações concernentes às Américas Anglo-Saxã e Ibérica instaurado, nesta última, desde a publicação de *Ariel* – a contrapartida de Caliban na peça original –, um ensaio seminal do uruguaio José Enrique Rodo, em 1900. *Ariel* ganhou versão em português em 1991, pela Editora da Unicamp. Mais recentemente, as imagens sugeridas por *A tempestade* foram revisitadas – ao lado de outros textos

que iluminam cenários marcados pela colonização – em *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*, de Thomas Bonnici (Editora da Universidade Estadual de Maringá).

A mesma coleção Repertórios que editou *Ariel* lançou, em 1992 e 1994, *Escritos políticos*, de Símon Bolívar e *Fundamentos da organização política da Argentina*, de Juan Bautista Alberdi. No mesmo ano, em co-edição com a Fundação Memorial da América Latina, a Unicamp trazia à luz, em 3 volumes organizados por Ana Pizarro, *América Latina: palavra, literatura e cultura*, que reunia artigos especialmente de críticos literários de diferentes países, cobrindo do período colonial ao século XX. As contribuições de Alfredo Bosi, Antonio Candido e Roberto Schwarz sobre temas da literatura brasileira traduziam o estreitamento do diálogo entre pesquisadores nacionais e hispano-americanos.

Da mesma forma, no campo da História, começavam a aparecer os resultados de investigações desenvolvidas no país. Em 1992, a Editora da Universidade de São Paulo (Edusp) publicou, em co-edição com a Nova Fronteira, *América barroca: temas e variações*, de Janice Theodoro. No ano seguinte, pela editora da Universidade Estadual Paulista (Editora Unesp), saiu em livro o texto originário da dissertação de Mestrado de Alberto Aggio, *Democracia e socialismo: a experiência chilena*.

Ao longo dessa década, publicaram-se ainda, *Francisco “Pancho” Villa: uma liderança da vertente camponesa na Revolução Mexicana*, de Marco Antonio Villa (Ícone); *Raízes do pensamento político da América Espanhola, 1780-1826*, de Pedro Freire Ribeiro (Editora da Universidade Federal Fluminense); *As raízes históricas do Mercosul: a região platina colonial*, de Heloisa Jochims Reichel e Ieda Gutfreind (Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos); *Bartolomé de Las Casas e a simulação dos vencidos*, de Héctor Hernán Bruit (Editora da Unicamp); *Igreja e camponeses: teologia da libertação e movimentos sociais no campo, Brasil e Peru, 1964-1986*, de Zilda M. Gricoli Iokoi (Hucitec); *Teatro de fé: representação religiosa no Brasil e no México do século XVI*, de Leandro Karnal (Hucitec); *Uma memória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luis Borges*, de Júlio Pimentel Pinto (Estação Liberdade); *A questão nacional em Porto Rico: o Partido Nacionalista (1922-1954)*, de Kátia Gerab Baggio (Annablume e FAPESP), e *Reforma Liberal e lutas camponesas na América Latina: México e Peru nas últimas décadas do século XIX e princípios do XX*, de Sylvia Colombo e Gabriela Pellegrino Soares (Humanitas, FFLCH/USP).

Também na linha da história comparada, mas articulando a reflexão sobre questões hispano-americanas a brasileiras, *Multidões em cena:*

propaganda política no varguismo e no peronismo, de Maria Helena Rolim Capelato (Papirus e FAPESP), e *Sob o signo da nova ordem: intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina*, de José Luis Bendicho Beired (Loyola e Programa de Pós-Graduação em História Social, FFLCH/ USP).

Vários desses autores participaram, em 1994, do I Encontro da ANPHLAC (Associação Nacional de Pesquisadores de História Latino-Americana e Caribenha) no Rio de Janeiro, que deu origem à obra organizada por Philomena Gebran, *América Latina: cultura, Estado e sociedade*, co-editada por ANPHLAC e CNPq. Do encontro seguinte, em Brasília, surgiu em 1998 o livro organizado por Jaime de Almeida, *Caminhos da História da América no Brasil – tendências e contornos de um campo historiográfico*.

Em 1999, a Edusp e a Editora da Universidade do Sagrado Coração (Edusc) co-editaram o trabalho originário da Livre-Docência de Maria Lígia Coelho Prado, *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*, primeiro volume original da coleção da Edusp, Ensaio latino-americanos. O livro retoma a perspectiva presente em publicações anteriores da autora, citadas mais adiante, de refletir simultaneamente sobre diferentes países latino-americanos – inclusive o Brasil –, demarcando identidades, intercâmbios e especificidades em questões instigantes de sua história social, cultural e, sobretudo, política. O olhar comparado estende-se nessa obra também aos Estados Unidos, pelo prisma das representações nacionais contrastantes que se produziram, lá e cá, no século XIX. O leque de pesquisa e interpretação que aí se abre ilumina os percursos historiográficos abarcadores de Maria Lígia Prado, dos quais se nutrem incontáveis ramificações analíticas mais verticais.

Os demais ensaios latino-americanos foram organizados a partir de traduções do espanhol: *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, de Nestor García Canclini, *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*, de Beatriz Sarlo, *Os intelectuais e a invenção do peronismo: estudos de antropologia social e cultural*, de Federico Neiburg, *À sombra da Revolução Mexicana: história mexicana contemporânea, 1910-1989*, de Héctor Aguilar Camín e Lorenzo Meyer e *Ángel Rama: literatura e cultura na América Latina*, organizado por Flávio Aguiar e Sandra Guardini T. Vasconcelos.

Paralelamente, a Edusp publicou, nos anos 1990, *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*, de Jorge Schwartz, (em co-edição com Iluminuras, 1995), referência cara aos historiadores, *Extremo-ocidente: introdução à América Latina*, de Alain

Rouquié e *História do Novo Mundo*: da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550), em que os autores Carmen Bernard e Serge Gruzinski narram a chegada dos espanhóis ao México e ao Peru. A partir de 1997, junto com a Imprensa Oficial do Estado e a Fundação Alexandre Gusmão, a editora passou a publicar a tradução, em cinco volumes, que se consagram desde período colonial a 1930, de parte da coleção *The Cambridge History of Latin America*, organizada por Leslie Bethell nos anos 1980. Foram excluídos de *História da América Latina* os capítulos dedicados ao Caribe, os volumes relativos ao período pós-1930, no que diz respeito ao conjunto dos países latino-americanos, e o volume final, que reúne balanços historiográficos.

Já a Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul publicou, em 1992 e 1993, uma coleção nacional de *História contemporânea da América Latina*, em três volumes sobre o século XX. Cada volume foi organizado, respectivamente, por Cláudia Wasserman, Luiz Fernando Silva Prado e César Barcellos Guazelli. Há também exemplos de coleções sobre a história latino-americana dedicadas a temas mais específicos, como a *História Geral da Igreja na América Latina*, da CEHILA, que a editora Vozes traduziu nesse mesmo período.

Como a Vozes, outras editoras não universitárias abriram espaço à História da América. As traduções foram a ênfase da Companhia das Letras nesse domínio. Em 1988, publicou *O espelho de Próspero*: cultura e idéias nas Américas, de Richard M. Morse e, em seguida, *A volta de Mcluhanaíma*. Em 1994 veio à luz, do mexicano Jorge Castañeda, *Utopia desarmada*: intrigas, dilemas e promessas da esquerda latino-americana e, pouco depois, *Che Guevara*: a vida em vermelho.

Em 1996, a editora lançava em português o extraordinário trabalho de Antonello Gerbi, *O novo mundo*: história de uma polêmica (1750-1900) e em 1998, também traduzida, a obra de Emília Viotti da Costa, *Coroas de glória, lágrimas de sangue*: a rebelião de escravos de Demerara em 1823. Em 2001, saía *O pensamento mestiço*, de Serge Gruzinski, seguido por *A colonização do imaginário*.

Recentemente, publicou *O longo adeus a Pinochet*, de Ariel Dorfman e, de autores brasileiros, *Maldita Guerra*: nova história da Guerra do Paraguai, de Francisco Doratioto e, *Feitores do corpo, missionários da mente*: senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1860, de Rafael de Bivar Marquese.

Paralelamente aos trabalhos acadêmicos nacionais e estrangeiros, editaram-se no Brasil, como já se viu no caso da Unicamp, textos latino-americanos de caráter documental. Em 1979, a Hucitec publicou uma

antologia pioneira de textos históricos sobre *A América Latina de colonização espanhola*, organizada por Manoel Lelo Bellotto e Anna Maria Martínez Corrêa. Os documentos abrangem questões específicas de diferentes vice-reinos e países, da época colonial ao século XX.

Em 1990, saía pela Vozes, com organização de Anna Maria Martínez Correa, *José de San Martín*: escritos políticos; em 1991, pela Hucitec, uma antologia de textos de José Martí, *Nossa América*, organizada pelo cubano Roberto Fernández Retamar. Anos depois, a Vozes lançava uma segunda tradução de *Facundo*: civilização e barbárie, de Domingo F. Sarmiento (a primeira datava de 1938, editada pela Imprensa Nacional), desta vez confrontada à clássica edição castelhana da Biblioteca Ayacucho. O estudo preliminar que acompanha a edição é de autoria de Maria Lígia Prado.

No domínio das fontes, entretanto, as lacunas são muitas. Obras fundamentais de pensamento político, correspondências reunidas, autobiografias, diários de viagens, entre outros documentos que fundamentam o ensino e a pesquisa de História da América, continuam restritos a edições castelhanas de difícil acesso.

Aos mestrandos e doutorandos da área, as viagens ao exterior se fazem quase sempre obrigatórias. Ao finalizarem e publicarem seus trabalhos, aproximam dos leitores brasileiros todo um universo de referências que praticamente não circula entre nós.

Assim, nos últimos anos, foram editadas as pesquisas de Francisca L. Nogueira Azevedo, *Carlota Joaquina na Corte do Brasil* (Civilização Brasileira); Rafael Baitz, *Um continente em foco*: a imagem fotográfica da América Latina nas revistas semanais brasileiras (1954-1964) e Mariana Martins Villaça, *Polifonia tropical*: experimentalismo e engajamento na música popular, Brasil e Cuba, 1967-1972 (Humanitas e História Social/USP); *Deuses do México indígena*: estudo comparativo entre narrativas espanholas e indígenas, de Eduardo Natalino dos Santos (Palas Athena); *Tecendo os fios da nação*, de Antônio Carlos Amador Gil (Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo); *América para a humanidade*, de Eugênio Rezende de Carvalho (Universidade Federal de Goiás); *Frente Popular, radicalismo e revolução passiva no Chile*, de Alberto Aggio (Annablume); *O dilema do centauro*: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano, de Antonio Mitre (Universidade Federal de Minas Gerais); *Cultura ilhada*: imprensa e Revolução Cubana (1959-1961), de Sílvia Cezar Miskulin (Xamã e FAPESP); *Luzes e sombras na construção da nação Argentina*: os manuais de História Nacional (1868-1912), de Stella Maris Scatena Franco (Editora da Universidade São Francisco); *Bartolomé*

*de Las Casas*: a narrativa trágica, o amor cristão e a memória americana, de José Alves de Freitas Neto (Annablume); *Rádio e propaganda política*: Brasil e México sob a mira norte-americana durante a II Guerra, de Marquilandis Borges de Souza (Annablume e FAPESP); *Representações da Revolução Mexicana no Museu Nacional de História da Cidade do México* (1940-1982), de Camilo de Mello Vasconcellos (no prelo da editora Humanitas e Programa de Pós-Graduação em História Social, FFLCH/ USP).

Por outro lado, a dinâmica desse segmento do mercado editorial abriu espaço para a retomada de textos mais antigos de autores brasileiros – como *Cultura, literatura e política na América Latina*, que reúne artigos de José Veríssimo selecionados por João Alexandre Barbosa e publicados pela Brasiliense em 1986, *A América Latina. Males de origem*, de Manoel Bomfim, relançado pela Topbooks em 1993 e *Americanidade e latinidade da América Latina e outros textos*, de Gilberto Freyre, que a Editora da UnB publicou em 2003 – e para traduções tardias, como de *Os jacobinos negros*: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos, de C. L. R. James, obra de 1938 que a Boitempo lançou em português em 2000.

E, ao que tudo indica, os leitões editoriais da História da América seguem alargando-se. Estão saindo do prelo novas publicações nacionais, como "Caribe: sintonias e dissonâncias", organizado por Jaime de Almeida e Olga Cabrera, e traduções de obras de peso, como *América Latina: as cidades e as idéias*, do historiador argentino José Luis Romero. Vinte anos depois, praticamente, da publicação das cidades e letras de Ángel Rama.

Ao lado da safra editorial que até aqui apresentamos, mais acadêmica, muitas vezes mais cara, com tiragens e distribuição em geral restritas, um outro gênero de publicações ajudou a dar vitalidade e projeção à área. Trata-se dos paradidáticos, voltados a leitores não especialistas, sobretudo estudantes. Apresentamos aqui apenas alguns exemplos de títulos concebidos para alunos do Ensino Médio em diante.

Os especialistas brasileiros na área têm sido os principais responsáveis por essa produção. Com a coleção Tudo é história, da editora Brasiliense, contribuíram nos anos 1980 e 1990, entre outros, Júlio José Chiavenato, *Colombo: fato e mito* e *A Guerra do Paraguai*, Kátia Gerab Baggio e Maria Angélica Resende, com *A rebelião de Tupac Amaru*, Francisco Doratioto, com *A Guerra do Paraguai* (segunda versão), Ciro Flamarion Cardoso com *Afro-América: a escravidão no Novo Mundo e América pré-colombiana*, Leon Pomer, com *As independências na América Latina*, Anna Maria Martinez Corrêa, com *A Revolução Mexicana (1910-1917)*, Elizabeth Azevedo e Hildegard Herbold, com *Caribe, o paraíso*

*submetido*, José Luis Beired, com *Movimento operário argentino: das origens ao peronismo (1890-1946)*, Júlio Pimentel Pinto, com *O caudilhismo*, Emir Sader, com *Democracia e ditadura no Chile e Chile (1818-1990): da independência à redemocratização* e Maria Lígia Prado, com *O populismo na América Latina*.

Dentre os autores estrangeiros, colaboraram Herbert S. Klein, com *Bolívia: do período pré-incaico à independência e Escravidão africana na América Latina e no Caribe*, e Gerardo Caetano Hargain e José Rilla Manta, *Uruguai (1500-1990): a República moderada*.

A coleção *Discutindo a História, da Atual*, lançou em 1987, em co-edição com a Unicamp, *A formação das nações latino-americanas*, de Maria Lígia Prado. Pela coleção *Repensando a História, da Contexto*, publicou *Estados Unidos e América Latina*, de Gerson Moura, entre outros livros dedicados também à história norte-americana.

A história dos Estados Unidos também vem ganhando fôlego no Brasil, nos últimos anos, em parte alentada por questionamentos sobre suas relações – políticas, econômicas, culturais – com a América Latina. Expressões desse movimento, no campo editorial, são os paradidáticos *Reverendo o sonho americano: 1890-1972*, de Marcos Pamplona (Atual) e *Estados Unidos: a consolidação de uma nação*, de Mary Anne Junqueira (Contexto). Da mesma autora, o texto originário de sua tese de doutorado, *Ao sul do Rio Grande: imaginando a América Latina em Seleções – Oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)*, publicado pela Edusf e, recentemente, pela Editora da Universidade Federal Fluminense, *Oeste americano: quatro ensaios da história dos Estados Unidos da América*, escritos pelo historiador norte-americano Frederick Jackson Turner (1861-1932), selecionados e traduzidos por Paulo Knauss. Também, de Maria Lígia Prado, na obra organizada por Carlos Guilherme Mota, *Viagem incompleta: a experiência brasileira*, o capítulo “David e Golias: as relações entre Brasil e Estados Unidos no século XX”, ao lado de um capítulo assinado por Maria Helena Capelato, sobre o Brasil em face da América Latina.

Por fim, estão no prelo os doutoramentos das professoras Cecília Azevedo, da UFF, *Em nome da América: os Corpos da Paz no Brasil* ((Humanitas e História Social/USP), e Tânia da Costa Garcia, da UNESP, *O ‘it verde e amarelo’ de Carmen Miranda* (Annablume e FAPESP).

\*

Os diálogos com outras áreas do conhecimento também ampliam, há algum tempo, o conjunto de publicações brasileiras relativas à América Latina. Em alguns casos, trata-se de trabalhos que não podem ser

identificados a um só campo intelectual. Entre os melhores exemplos dessa busca de mescla estão autores como a argentina Beatriz Sarlo, o mexicano Néstor García Canclini e o colombiano Jesús Martín-Barbero, editados no Brasil a partir do final da década de 1990.

Os livros de Martín-Barbero enfocam temas da cultura de massa e percebem a peculiaridade que a mídia assumiu na América Latina. Dele, a Editora do Senac lançou *Os exercícios do ver*: hegemonia audiovisual e ficção televisiva, e a Editora da UFRJ publicou *Dos meios às mediações*: comunicação, cultura e hegemonia. A mesma UFRJ editou, de Sarlo, *Cenas da vida pós-moderna*. Intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina. À semelhança do citado *Paisagens imaginárias*, é uma coletânea de ensaios que refletem sobre questões que preocupam simultaneamente antropólogos, historiadores, críticos literários e teóricos da comunicação. O também já mencionado *Culturas híbridas*, de García Canclini, além de circular por essas mesmas áreas, amplia uma discussão central para os estudos de América Independente: a dos muitos impasses e sentidos do moderno na América Latina. Aprofunda, dessa forma, uma discussão que os brasileiros puderam acompanhar pelo menos desde os anos 1970, com o provocador *Os filhos do barro*, de Octavio Paz (Nova Fronteira).

Interessante é ver como essa reflexão que margeia a teoria da comunicação, a história e, de forma mais ampla, a crítica cultural permitiu maior circulação entre intelectuais, gerando obras coletivas como *Gêneros ficcionais, produção e cotidiano na cultura popular de massa* (Intercom/CNPq) e *Sujeito, o lado oculto do receptor* (Brasiliense), organizados por Silvia Borelli. Em ambos, comparecem autores brasileiros e hispano-americanos, como Martín-Barbero ou a argentina Nora Mazziotti. Também não foram poucos os trabalhos que, versando sobre questões brasileiras, recorreram ao arcabouço teórico desenvolvido por Martín-Barbero, Sarlo ou García-Canclini: essa marca da comunicação intelectual direta entre brasileiros e hispano-americanos está presente, por exemplo, em pesquisadores como Maria Immacolata Vassalo de Lopes, com *Sensacionalismo e estereótipos sociais na cultura de massa: programa policial de rádio e populações marginais* (Paulinas) ou *O rádio dos pobres: comunicação de massa, ideologia e marginalidade social* (Loyola); Maria Celeste Mira, com *Circo eletrônico* (Olho d'água) ou *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX* (Mercado Editorial); Silvia Borelli, com *Ação, suspense, emoção: literatura e cultura de massa no Brasil* (Estação Liberdade); ou José Mário Ortiz Ramos, com *Cinema, estado e lutas culturais* (Paz e Terra) ou *Televisão, publicidade e cultura de massa* (Vozes).

\*

Antes, porém, de os estudos sobre a América Latina serem publicados no Brasil e atingirem um público mais amplo, ou antes de a circulação intelectual ser intensa, os brasileiros puderam saber da América Hispânica e, de alguma forma, perceber as peculiaridades de seu processo histórico por meio da leitura de romances. A literatura, enfim, foi a primeira porta para que um público mais amplo encontrasse a Hispanoamérica.

Claro que a projeção não é imediata e que a leitura de uma ficção hispano-americana não produz instantaneamente conhecimento ou reflexão sobre episódios históricos ou sobre o contexto cultural em que se desenrolavam as tramas dos romances. Mas a literatura colaborou bastante numa espécie de sensibilização do leitor brasileiro para as semelhanças e diferenças entre os itinerários que o Brasil e a América Hispânica trilharam. Nesses termos, as publicações de autores hispano-americanos facilitaram a entrada dos textos sociológicos, econômicos ou historiográficos e criaram, no Brasil, um primeiro, ainda que não-sistemático, espaço de reflexão sobre o conjunto América Latina.

Como já lembramos no início desse artigo, nas primeiras décadas do século XX ainda eram poucos os brasileiros que liam e analisavam literatura hispano-americana. Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Monteiro Lobato são das poucas exceções – assim como, na intelectualidade da virada do XIX para o XX, os artigos que resenhavam ou debatiam livros e temas hispano-americanos, escritos por José Veríssimo, Euclides da Cunha ou Manoel Bomfim, entre outros, também eram exceções.

Foi a partir da década de 1960 que a ficção hispano-americana passou a ser publicada em boa quantidade. Evidentemente o sucesso de obras e de autores associados ao chamado “boom” literário contribuiu muito para isso. Dessa forma, as traduções brasileiras do colombiano Gabriel García Márquez, do peruano Mario Vargas Llosa, do mexicano Carlos Fuentes ou do argentino Julio Cortázar passaram a seguir com pequena defasagem de tempo as edições originais, mantendo o leitor brasileiro atualizado. Autores anteriores ao “boom” também receberam, dos anos 1960 em diante, maior atenção das editoras brasileiras, que editavam e editam com mais regularidade o cubano Alejo Carpentier, os argentinos Adolfo Bioy Casares e Jorge Luis Borges ou o mexicano Octavio Paz – *O labirinto da solidão* (Paz e Terra), livro que associa com clareza história cultural e literatura mexicanas e apareceu em tradução para o português em 1976. Octavio Paz, inclusive, manteve longo e fértil

diálogo intelectual com Haroldo de Campos, que resultou, entre outros, na obra conjunta *Transblanco* (editora Guanabara), de 1986.

Na medida em que os livros ligados ao “boom” tinham intenção explícita de representar a América Latina, de diagnosticar seus impasses culturais, políticos e sociais e de investigar os rumos de uma incompleta identidade latino-americana, a leitura desses textos tornava mais notável a especificidade que estava sendo ali discutida e provocava no leitor, de maneira mais intensa e consciente, o reconhecimento da proposta política e interpretativa que estava em jogo. Ou seja, a América Latina aparecia com todas as cores e de forma complexa para leitores brasileiros que, até então, pouco sabiam dela. Tais autores, tornados “clássicos”, porém, quase monopolizaram, nos anos 1970 e 1980, as atenções das editoras brasileiras, que demoraram a perceber o surgimento de novas tendências na ficção hispano-americana.

As editoras só começaram a renovar seu catálogo de literatura hispano-americana no final dos anos 1980. A Iluminuras iniciou então um trabalho de divulgação de autores hispano-americanos pouco conhecidos no Brasil. Por esse caminho, entre outros, o argentino Ricardo Piglia, autor de *Respiração artificial*, e o cubano Virgilio Piñera, com *Contos frios*, chegaram ao Brasil. Na mesma época, a Brasiliense lançou o fabuloso *Paradiso*, do cubano José Lezama Lima, em tradução excelente de Josely Vianna Baptista. Iniciava-se, assim, uma nova busca da ficção hispano-americana, que se prolongaria no decorrer da década de 1990 e da de 2000, com novas edições de autores já conhecidos dos brasileiros – além dos citados, o cubano Guillermo Cabrera Infante ou o paraguaio Augusto Roa Bastos (cujo *Eu, o Supremo* foi lançado no Brasil, Paz e Terra, em 1977), por exemplo – e a chegada de ficcionistas pertencentes a gerações posteriores ao “boom”, como o cubano Reinaldo Arenas, com sua impressionante autobiografia *Antes que anoiteça* ou com as ficções *O porteiro*, *A velha rosa* ou *O mundo alucinante* (Record); os argentinos Juan José Saer, com *O enteado* (Iluminuras) e *Ninguém Nada nunca* (Companhia das Letras), Luis Guzmán, com *O vidrinho* e *Villa* (Iluminuras), Cesar Aira, com *A trombeta de vime* (Iluminuras), e Tomás Eloy Martínez, com *O romance de Perón* (Bestseller e Companhia das Letras), *Santa Evita*, *O vôo da rainha* ou *O cantor de tango* (Companhia das Letras); outro cubano, Pedro Juan Gutiérrez – hoje bastante conhecido no Brasil – com vários livros, entre os quais *Trilogia suja de Havana* e *Animal tropical* (Companhia das Letras); os chilenos Alberto Fuguet, com *Baixo astral* (Record), e Roberto Bolaños, com *Noturno do Chile* (Companhia das Letras); o colombiano Efraim Medina Reyes, com *Técnicas de masturbação entre Batman e Robin*

(Planeta) ou o mexicano Jorge Volpi, com *Em busca de Klingsor* (Companhia das Letras).

Evidentemente, nem todas as publicações realizadas no Brasil foram citadas acima e ainda há muitas lacunas nas edições locais de hispano-americanos, mas os últimos vinte anos demonstraram uma tendência de ampliar a circulação brasileira da ficção feita nos países próximos. A solidez dessa nova tendência pode ser percebida no fato de que há crescimento correspondente no interesse da crítica voltada à literatura hispano-americana. Aos trabalhos pioneiros, como os de Davi Arrigucci Junior, *O escorpião encalacrado* (Perspectiva e Companhia das Letras) – um estudo sobre Julio Cortázar publicado no início dos anos 1970 –, de Jorge Schwartz, *Vanguarda e cosmopolitismo* (Perspectiva) – do início dos 1980, sobre Oswald de Andrade e Oliverio Girondo – ou de Irlemar Chiampi, *O realismo maravilhoso* (Perspectiva) – também do início da década de 1980, sobre Alejo Carpentier –, somaram-se muitos outros. Da mesma forma que esses três livros analisavam questões literárias buscando correspondência em contextos culturais e intelectuais históricos, começaram a circular novos estudos com a mesma preocupação: perceber os vínculos possíveis entre história e ficção.

Essa relação era notada de variadas formas. Em alguns trabalhos, identificavam-se vínculos e intercâmbios possíveis entre narrativa histórica e narrativa ficcional, como em *Guerra do Pacífico: literatura e histórias da nação*, de Laura Janina Hosiasson (Estação Liberdade), que cruzou documentação e ficção sobre o conflito do final do XIX. Em outros, a contaminação entre história e literatura manifestava-se nas tensões a que propostas estéticas eram submetidas em determinados momentos históricos, como no livro de Teresa Cristófani Barreto, *A libélula, a pitonisa: revolução, homossexualismo e literatura em Virgílio Piñera* (Iluminuras). Uma terceira maneira de conceber os encontros entre literatura e história no cenário latino-americano foi desenvolvida em estudos que, a partir da perspectiva do crítico literário ou do historiador, notavam a simultaneidade de projetos e de experiências históricas, como na comparação entre as representações urbanas de Borges e de Mário de Andrade, que Ronaldo Assunção estabeleceu em *Mário de Andrade e Jorge Luis Borges: poesia, cidade e oralidade* (Editora da UFMS), na discussão cruzada que Patricia Artundo fez em *Mário de Andrade e a Argentina* (Edusp), no estudo de história das leituras e da instrução que Gabriela Pellegrino Soares apresentou em *A semear horizontes: leituras literárias na formação da infância, Argentina e Brasil (1915-1954)* (Editora da UFMG), ou no confronto entre revistas culturais argentinas e brasileiras que Ana

Cecilia Arias Olmos construiu em *Revistas culturais de transição: práticas políticas e estratégias de intervenção cultural* (no prelo).

Finalmente, uma outra abordagem dessa relação aparece em estudos que visam identificar linhas subterrâneas da história no texto ficcional e que se dispõem a perceber conexões sutis, regularmente não-explicitas – mas nem por isso menos significativas – na representação ficcional e histórica da América Latina. Notável, nesse sentido, é um ensaio de Davi Arrigucci Junior que contribuiu bastante para renovar a crítica borgeana, ao insistir na necessidade de reler Borges à luz da história, e não restringir sua compreensão à noção, tão repetida pela crítica até a década de 1980, de autor de tempos e de geografias imaginárias: “Da fama e da infâmia: Borges no contexto literário latino-americano”, incluído em *Enigma e comentário* (Companhia das Letras). A recuperação de Borges para a história que Arrigucci empreende cumpre assim uma espécie de papel exemplar: mesmo o autor que, dentro do contexto hispano-americano, se supunha mais alheio à preocupação de representar e de pensar a América e sua história, voltou-se a ela, empenhou-se em encontrar sua historicidade. Ou seja, confirmou a relação profunda que história e literatura estabeleceram na América Latina independente e contribuiu para sensibilizar leitores para temas e problemas latino-americanos.

O exemplo de Borges é também eloqüente quando se nota a maior atenção das editoras para com a literatura hispano-americana. Para superar as publicações ocasionais – e algumas vezes problemáticas – de seus textos, ocorridas até meados dos anos 1980, a editora Globo editou suas obras completas, no final da década de 1990, sob coordenação de Jorge Schwartz, com clara melhoria na qualidade das traduções e com o evidente risco de lançar, no aparentemente restrito mercado brasileiro, uma edição grandiosa, cara e de padrão editorial sofisticado. O esgotamento rápido de alguns dos volumes comprovou o interesse do leitor brasileiro.

Também algumas coletâneas de ensaios sobre literatura hispano-americana foram publicadas e passaram a circular mais entre historiadores e críticos, ampliando o pequeno acervo até então disponível, que era composto quase exclusivamente pela obra coletiva *América Latina em sua literatura*, editada originalmente pela Unesco em 1972 e lançada no Brasil, pela Perspectiva, em 1979. Da última década do século XX até a primeira do XXI, Bella Josef publicou *O espaço reconquistado: uma releitura. Linguagem e criação no romance hispano-americano contemporâneo* (Paz e Terra), Vera Follain de Figueiredo lançou *Da profecia ao labirinto. Imagens da História na*

*ficção latino-americana contemporânea* (Imago), Irleamar Chiampi publicou *Barroco e modernidade. Ensaíos sobre literatura e modernidade latino-americana* (Perspectiva). Irleamar Chiampi ainda reuniu, comentou e lançou, pela Brasiliense, no final dos anos 1980, os ensaios de *A expressão americana* (Brasiliense), do cubano José Lezama Lima, cujo original, de 1957, talvez seja a mais vertiginosa indagação sobre os sentidos e as possibilidades da associação entre literatura e história nas Américas.

Com a mesma preocupação de alargar os estudos de crítica literária cruzada à história, foram traduzidos os livros de ensaio do peruano Antonio Cornejo Polar, *O condor voa. Literatura e cultura latino-americanas* (Editora da UFMG), de Doris Sommer, *Ficções de fundação: os romances nacionais da América Latina* (Editora da UFMG), da argentina Josefina Ludmer, *O corpo do delito: um manual* (Editora da UFMG) e *O gênero gauchesco*, um longo e já clássico ensaio, e *A propriedade da cultura. Ficções culturais e fábulas da identidade na América Latina*, da venezuelana Graciela Montaldo, estudo mesclado de crítica literária, história e teoria da comunicação. Ludmer e Montaldo foram publicadas pela coleção intitulada “Vozes vizinhas”, da editora catarinense Argos, que tem como proposta divulgar a ensaística hispano-americana no Brasil.

Para além da ficção e da ensaística, *Vanguardas latino-americanas*: polêmicas, manifestos e textos críticos, lançado por Jorge Schwartz em 1995 e já mencionado nesse artigo, completa o cenário: reúne acervo documental consistente e análise crítica sólida sobre um momento-chave do século XX: a aventura das vanguardas, que associou renovação estética a ideologias políticas e retomou o tema que mobilizou parte significativa da intelectualidade do XIX, a construção de identidades nacionais e latino-americanas. O livro incorpora e associa sem distinção a produção brasileira e hispano-americana, indicando que, apesar da barreira lingüística, o Brasil e a América Hispânica conseguiram se comunicar, da mesma forma que literatura e história latino-americanas dialogam na construção dessa ponte.

\*

A sentença de Alfonso Reyes que abre este artigo era evidentemente preocupante. No panorama da década de 1930, ela colocava uma questão séria para os poucos estudiosos de América Latina: será que de fato o Brasil e a Hispanoamérica não se encontrariam jamais e que seus intelectuais persistiriam ignorando, intencionalmente ou não, a vizinhança? Que não reconheceriam que, apesar da distância que a língua impunha e das dissonâncias nos respectivos processos históricos, havia elementos comuns? Não notariam que os impasses enfrentados tinham

semelhanças? Ou que o diálogo e o reconhecimento recíproco poderiam abrir novos e mais intensos debates ou gerar outros projetos e formas de intervenção? Que o sol e a lua não estavam obrigatoriamente fora do continente?

Passados mais de oitenta anos da fala do intelectual mexicano, a tendência mudou. Mudou no Brasil e na América Hispânica. Lemo-nos, estudamo-nos, buscamos nos conhecer. As publicações da área, ainda bem distantes do sonho de especialistas, tornaram-se mais intensas. Na superação dos limites que, durante décadas, foram impostos aos interessados nos temas latino-americanos, criou-se uma forma radical de compreender o fenômeno americano: reconheceu-se seu caráter multifacetário, e essa percepção, impressa nas crescentes pesquisas e publicações, significa mais do que apenas atestar a diversidade americana, fruto provável de sua cultura historicamente mesclada. Significa perceber que a América só é compreensível a partir do contato entre áreas distintas do conhecimento, a partir de relações que se estabeleçam para além da segmentação disciplinar e que ofereçam uma noção de conjunto. Significa que, na prática dos estudos americanistas, é preciso olhar sempre para o outro lado da fronteira geográfica e intelectual.

Diferentemente do que acontecia na década de 1920, quando intelectuais brasileiros e hispano-americanos só se encontravam nos cafés de Paris, agora as paisagens de Buenos Aires, Lima, Santiago, Cidade do México, São Paulo ou Rio de Janeiro, entre tantas outras, são espaços de visita mútua. Sobretudo a imaginação e a leitura, essas geografias fabulosas porque irredutíveis e incontáveis, sediam debates e diálogos entre hispano-americanos e brasileiros. E nesses lugares a América se expressa e se realiza, como realidade e como o “território de imagens” com que sonhou Lezama Lima.

Se, como já nos ensinou Maria Lígia Prado, em função da produção intelectual que ocasionalmente nos aproximou ou distanciou de nossos vizinhos, “podemos pensar que o Brasil é e, ao mesmo tempo, não é América Latina”, podemos também pensar que o aumento das publicações na área permite a nós, brasileiros, ser América Latina mais do que não ser.